

# ABRINDO O DEBATE

## A Revisão do Regulamento de Infantaria

Pelo Ten. Cel. T. A. ARARIPE

*O Autor dêste artigo é um nome por demais conhecido no Exército, para ser por nós apresentado. Basta que se recorde o que êle fez na Escola de Sargentos de Infantaria.*

*Na E.S.I. teve início a formação racional dos nossos inferiores. Os sargentos que de lá saíram, depois de um curso aprimorado, foram espalhados por todo o Brasil, difundindo os conhecimentos que tinham adquirido e facilitando, notavelmente, a tarefa dos instrutores.*

*Pelo trabalho do então capitão Araripe, e dos seus prestimosos auxiliares, começou a aparecer uma documentação escrita que, sofrendo modificações impostas pelo evoluer da doutrina, está sendo utilizada até hoje.*

*Não só na E.S. I. deixou o Ten. Cel. Araripe traços indeléveis da sua passagem. Na Escola Militar e na Escola de Estado Maior, — na primeira, como Diretor do Ensino Militar, e, na segunda, como professor de Tática Geral e Diretor de Ensino, mostrou, provadamente, que são vastos e profundos os seus conhecimentos da arte bélica.*

*Por tudo isto, ninguém melhor do que êle poderá abrir debate a tão palpitante assunto, esperando A DEFESA NACIONAL que os mestres na matéria tragam a sua contribuição, afim de cooperar com a comissão escolhida, em bôa hora, pela Diretoria de Infantaria. (Nota da Redação).*

### INTRODUÇÃO

A afirmação de NAPOLEÃO de que a tática mudava de dez em dez anos, embora continue preceituando a mutabilidade dos processos da guerra, tem sido francamente ultrapassada pela realidade da evolução da arte militar. Os processos modificam-se de dia para dia, de momento a momento, envolvidos pelo aperfeiçoamento vertiginoso da Técnica moderna.

A própria experiência da Guerra, que ratifica e impõe verdades inconcussas, longe de ser elemento cris-

talizador da "doutrina militar", é fator dessa evolução contínua, através das profundas meditações que sugere e da busca de aperfeiçoamentos que incrementa. E a medida que se vai distanciando no tempo, essa experiência ou cai, muitas vezes, no domínio do esquecimento, enquanto novas idéias, novas fórmulas e verdadeiros artifícios lhe tomam o lugar ou, então, se apresenta interpretada sob aspectos diversos, por isso que a "ressurreição do passado" só se consolida definitivamente quando se analisa, com o espírito frio, todas as informações e todos os depoimentos dos participantes da luta.

Nessa evolução ininterrupta, os próprios Regulamentos são ultrapassados. Na maioria das vezes, os processos imaginados e ensaiados, bem como os materiais postos em uso, alcançam fôros de cidade muito tempo antes de serem incorporados aos Regulamentos.

A própria doutrina oficial não se enclausura nas fórmulas rígidas e, de algum modo, estacionárias dos textos regulamentares. As idéias novas, estudadas e postas em prática nos centros de estudo ou de experimentação, assumem caráter oficioso e como tal são aceitas em todos os meios de concepção e de execução. Dêsse modo, aqueles textos, modernizando-se, apenas sancionam uma situação de fato.

Em todos os Exércitos os Regulamentos são atualizados de tempo em tempo. Mesmo essa consagração oficial das mudanças se vem fazendo em prazos menores do que decênios da afirmação napoleônica.

Não é, portanto, de extranhar que se imponha a necessidade de atualizar o nosso R. E. C. I., cuja última edição tem oito anos de vida. Quanto mais não seja, a necessidade de nova impressão para suprir a edição já exgotada constitui motivo bastante para retoques e aperfeiçoamentos, que podem muito naturalmente chegar à atualização, isto é, até a acomodação às noções e processos firmados nos últimos tempos.

Assim compreendeu a Diretoria de Infantaria, pondo, sem tardança, mãos à obra de revisão.

Esse trabalho, confiado a uma comissão de oficiais bastante credenciados e com grande trato dos pro-

blemas de emprêgo da arma, poderá ser grandemente beneficiado com a colaboração dos camaradas, que, por terem meditado sôbre o assunto, por terem praticado todas as minúcias da técnica da infantaria e por terem experimentado os materiais modernos, possam sugerir idéias que permitam melhor adaptação do nosso Regulamento aos progressos da Técnica e às contingencias particulares ao caso brasileiro.

A dar o exemplo, aqui estamos para abrir o debate.

---

Desta feita, vamos considerar a discussão sob quatro grandes rúbricas:

- as características da arma;
- o armamento;
- a organização;
- os processos de emprêgo.

## I— CARACTERÍSTICAS DA INFANTARIA

Todos os exércitos admitem, sob formas várias, que o papel da Infantaria no combate continúa sendo capital, tanto na ofensiva como na defensiva.

Diz-se na Alemanha: é a Infantaria que no combate, provoca a decisão. A atividade de combate de todas as outras armas deve ser regulada de maneira a facilitar-lhe a tornar-lhe possível o sucesso”.

Na ITALIA: “a Infantaria é, por excelência, a arma nobre”. Por ela fazem-se os maiores sacrifícios e tende-se para dotá-la de todos os meios necessários à sua manobra ofensiva ou defensiva e, em qualquer caso, a ela se subordina a ação das outras armas.

O JAPÃO quasi que só conta com a sua ardorosa e bem aparelhada Infantaria.

Nos ESTADOS UNIDOS, diz o Diretor da Infantaria: “aos que consideram não ser mais a Infantaria o elemento principal, a base dos futuros combates, respondendo que os engenhos e outros meios dados como substitutos da Infantaria — carros, produtos químicos, etc., são meios de que ela se utiliza no cumprimento

de sua missão. As outras armas podem aumentar a sua capacidade, mas não a substituem”.

Na FRANÇA, a nova regulamentação mantém o velho axiôma: “cabe à Infantaria a missão principal no combate”, porém acentua que ela não combate isoladamente e que, pelo contrário, atua em íntima ligação com as outras armas.

Vê-se aí a preocupação de caracterizar que não ha um combate de Infantaria pura e simplesmente. Só admitindo o combate com grande quantidade de material (canhões, munições, engenhos blindados, armas, anti-blindagem, obstáculos, organizações completas, etc.), a atual regulamentação francesa riscou do seu texto os §§ 2.º e 3.º do n. 15 da II Parte do R. I. 1928, em que admitia a possibilidade de “a infantaria realizar uma progressão profunda, com o armamento próprio, quebrando as resistências locais (descontínuas e com fogos mal ajustados), mesmo quando lhe falte em parte o apoio da artilharia ou dos carros”, ou quando dizia: “Em certas zonas, as outras armas, particularmente a artilharia, não podem atirar ao mesmo tempo que a Infantaria, quer por considerações de segurança, quer por causa do terreno. Nessas zonas, compete à Infantaria executar o combate com seu próprio armamento, reduzir por si só as resistências que se opõem de maneira imediata à sua progressão (R. E. C. I., 2.ª Parte — n. 9).

Ao mesmo tempo, desapareceram as expressões, tidas como universalmente consagradas: “arma fundamental”; “arma completa, unica” capaz de combater em todos os terrenos e com qualquer tempo, de noite ou de dia; “é a rainha das batalhas e a base das combinações do comando”. (R. I. 1928 — II Parte — n. 14 e 16 e R. E. C. I. — 2.ª Parte — ns. 8 e 13).

Essa concepção radical cria a mentalidade de uma infantaria que aguardará sempre pela artilharia e pelos carros para resolver as situações que se lhe defrontam”.

Será essa mentalidade conveniente ao caso particular da nossa infantaria na situação atual?

Temos algumas dúvidas.

O Cel. TOUCHON, discutindo em suas Conferências o valor do fogo ofensivo da Infantaria, afirmava: “O fogo ofensivo da Infantaria é possível; é necessário; serve para alguma coisa.

“E’ porem suficiente?

Suas deficiências são numerosas e graves; as balas das metralhadoras nada podem contra os muros, os concretos, os parapeitos e mesmo as modestas blindagens; o tiro ofensivo, improvisado após curta fase inicial, perde prontamente todo o valor à noite e torna-se difícil nos bosques, enquanto o defensivo amarrado conserva nos dois casos respeitável potência.

“Outrosim, quando a Infantaria fica entregue aos próprios recursos — o que acontece mais frequentemente do que se deseja — é normal que fique, mais cedo ou mais tarde mobilizada.

“Por isso o fogo da Infantaria não póde deixar de constituir uma parte do **“fogo unico”** ofensivo, de parceria com o da artilharia. Na sinfonia em que tomam parte, o canto caberá ora a um ora a outro, conforme seja o combate um assalto brutal à forte resistência ou luta mais atenuada e menos suscetível de regulamentação minuciosa. Nos dois casos, dominará a necessidade de coordenar os elementos dêsse fogo unico, a necessidade da ligação artilharia-infantaria”.

Porém o próprio Coronel TONCHON nos cita vários casos de 1918 em que a Infantaria, sem nenhum apoio da Artilharia, conseguiu com o seu fogo resultado completos.

No nosso caso particular, a fraca dotação de artilharia e de carros, as frentes a guardar ou a conquistar, as dificuldades de estradas, os meios também precários do adversario, farão com que não se possa contar sempre com a artilharia e os carros.

Por isso, embora se coloque em grande destaque a **imperiosidade de só se empregar a Infantaria poderosamente apoiada e protegida pela Artilharia, pelos Carros e pela Aviação para romper resistências sólidas**, convem manter a idéia de que ela deve poder desembaraçar-se por si mesmo de situações difíceis, especiais mas também normais e possíveis.

Daí o nosso entender de que devemos conservar o liberalismo do n. 9 do nosso R. E. C. I.<sup>a</sup> 2.<sup>a</sup> Parte e não aceitar, portanto, a idéia radical do R. I. francês de 1939.

A nossa Infantaria, **sem esquecer a necessidade e o valor da cooperação das outras armas e treinada em atuar em ligação íntima com elas**, precisa habituar-se a retirar todo o proveito do seu armamento e dos seus processos de combate, atuando como se não existisse o auxílio daquelas. Não deve esperar sempre e tudo delas.

Acresce que toda a evolução do armamento da Infantaria tende para maior capacidade ofensiva. E' o caso, então, de explorarmos essa tendência para dotarmos a nossa Infantaria de meios que lhe garantam **relativa independência**.

Não haverá nenhuma desvantagem nessa tendência.

Muito pelo contrário, é sempre mais facil conter o ardor ofensivo e exigir uma atitude defensiva, do que pretender transformar hábitos de defensiva passiva em capacidade agressiva e manobreira.

Por outro lado, essa característica ofensiva da Infantaria tem repercussão sôbre o seu moral ou é uma consequencia deste.

Haja exemplo o JAPÃO. O seu exaltado patriotismo justifica a sua doutrina resolutamente ofensiva. Por isso, a sua Infantaria é organizada e armada para bastar-se a si mesma. A RUSSIA, embora nas guerras passadas o seu soldado tenha mostrado temperamento mais defensivo do que agressivo, o seu Regimento de Infantaria é organizado para bastar-se a si mesmo.

Se em relação à Artilharia é possível, na maioria das vezes, contar com o seu auxílio, o mesmo não se dará com os carros de combate. Ainda por muito tempo deveremos considerar a intervenção dos carros como excepcional, entre nós, por ser pequena a quantidade desses engenhos que poderemos dispôr, tudo ao contrário dos exércitos europeus em que a combinação Infantaria-Carro-Artilharia é normal.

Outro aspecto que interessa ao nosso caso particular diz respeito ao **terreno** e à **infiltração**. Os gran-

des espaços, a necessidade de economizar material e munições aconselham-nos a tirar maior proveito de terreno e das vantagens da infiltração. A êsse respeito, é conveniente que tenhamos em conta, para a redação do nosso Regulamento, a contraposição que os Alemães fizeram aos processos ofensivo da Infantaria francesa.

Os alemães visam grande espirito ofensivo graças à rapidez da concepção e da execução, ao desenvolvimento do julgamento, da iniciativa e da instrução, obtido mesmo nos postos subalternos. Censuram os Francêses por basearem a sua técnica de ataque na superioridade do fôgo, por serem demasiadamente sistemáticos, por terem horror às situações imprevistas, por quererem manobrar com as trajetórias em vez de com tropa, por terem soldados e quadros subalternos sem iniciativa. "Na FRANÇA, escrevem, o fogo conquista, a Infantaria segue. A iniciativa dos chefes de todos os postos é, em comparação com as tarefas correspondentes, muito limitada. O esquema desempenha grande papel entre os Francêses. Por uma rápida ação de nossa parte (durch schereller zupacken) devemos disso tirar partido". (Resumo de Conferências dos Cmts. MAF-FRE, e FRÉNOT, Re. d'Infe. Fev. 1936).

Entretanto, se a nova Regulamentação francesa insiste sôbre o método e a prudência com que devam ser montadas as operações, não é menos verdade que empresta grande importancia ao movimento, à infiltração. São do texto de 1939 essas palavras: "Levar sempre e cada vez mais para a frente os seus meios de fogo, pelos lugares onde fôr possível o movimento, eis a preocupação constante que deve ter a Infantaria".

Ainda mais, em sua recente "Nota sôbre a Instrução para 1939", o Generalissimo francês insistia na necessidade de desenvolver na Infantaria o "senso da infiltração" e de acentuar o seu "amor pelo movimento para a frente".

E os comentadores do Regulamento de 1939 opinam que a nova organização do Batalhão francês proporciona à Infantaria francesa possibilidades de progressão que antes não possuía e que esta deve saber

tomar essa oportunidade “pelos cabelos” para explorá-la sempre que se apresente.

Quer-nos parecer, portanto, que, ao lado da superioridade do fogo, a nossa Infantaria deve caracterizar-se pelo “senso”, pelo “amor” e pela “capacidade” da **infiltração**, capazes de permitir ao próprio fogo o máximo efeito e de tirar do terreno o máximo proveito.

Ora, se considerarmos que a infiltração exige, na maioria dos casos, seja o terreno totalmente inundado de homens e que a mór parte dos caminhamentos sejam aproveitados, somos levados a pensar que essa circunstancia talvez aconselhe maior efetivo em homens, para os reconhecimentos e proteção do movimento.

Ainda mais, o “**o choque**”, hoje ressuscitado, como modo de ação da Infantaria, exige pessoal mais numerosos do que o indispensavel ao manuseio das armas de fogo, pois, aí a massa é fator do sucesso.

Por outro lado as frentes largas, com partes menos ativas do que outras, com intervalos que devem apenas ser guardados, as necessidades da vigilancia, da observação, da ligação e das fatchinas de toda a ordem são, ao nosso ver, elementos que nos levam a pensar em um efetivo em homens dentro de cada unidade, maior do que as das organizações européias, em que ha desproporção entre o grande numero de unidades e os recursos limitados das populações mobilizaveis.

Em resumo, quanto às características da Infantaria, convirá que pesemos bem:

- a maior capacidade ofensiva;
- a necessidade de bastar-se a si mesma, em várias situações;
- maior busca da infiltração e melhor aproveitamento do terreno;
- efetivo em homens um pouco maior do que as organizações europeias.

## II — ARMAMENTO E MATERIAL DA INFANTARIA

Em todos os exércitos grupa-se o armamento em:  
 — **armas leves** (levadas por um só homem);



# **SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL**

A DEFESA NACIONAL tendo em vista facilitar a aquisição de livros, não só militares como a de qualquer outros, e para a venda nas livrarias do Rio de Janeiro, introduziu na sua biblioteca o serviço de **ENTREGAS DE ENCOMENDAS CONTRA REEMBOLSO**.

Para isso os livros solicitados e em qualquer quantidade serão remetidos ao destinatario sendo a respectiva entrega feita mediante pagamento da importancia á agencia postal da localidade.

O porte, registro e as despesas relativas do **SERVIÇO POSTAL DE ENCOMENDA CONTRA REEMBOLSO** correrão por conta da Biblioteca sendo incluídos no preço do livro.

A toda encomenda acompanhará a respectiva fatura.

Para facilidade do serviço os pedidos devem ser feitos em ficha para esse fim destinada.

# SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

Este serviço tem por finalidade facilitar a aquisição de livros e jornais para as bibliotecas públicas e particulares, bem como para as escolas e para os particulares que desejarem adquirir livros e jornais para uso próprio.

A DEFEZA NACIONAL tende em vista facilitar a aquisição de livros, não só militares como a de qualquer natureza, vendida nas livrarias do Rio de Janeiro, independentemente de sua localização.

Para a obtenção de livros e jornais, o interessado deverá dirigir-se a uma das livrarias autorizadas pelo Ministério da Guerra, apresentando o formulário de pedido, devidamente preenchido, e o valor em dinheiro necessário para a aquisição dos livros e jornais.

Para isso os livros solicitados e em qualquer quantidade, serão remetidos ao destinatário sendo a respectiva entrega feita mediante pagamento da importância à agência postal da localidade.

O porte, registro e as despesas relativas ao SERVIÇO POSTAL DE ENCOMENDA CONTRA REEMBOLSO correrão por conta da Biblioteca sendo incluídos no preço do livro.

A toda encomenda acompanhará a respectiva fatura, a qual deverá ser preenchida e assinada pelo interessado.

Para facilitar o serviço os pedidos devem ser feitos com antecedência de pelo menos quinze dias para a entrega dos livros e jornais.

Para obter mais informações sobre este serviço, consulte o regulamento publicado no Diário Oficial da União, de 15 de maio de 1938.



— **armas pesadas** (decompostas em fardos para o transporte, colocadas sôbre rodas ou viatura); havendo ainda nas duas categorias:

— **armas de tiro tenso;**

— **armas de tiro curvo;**

Devemos considerar o valor dêsse armamento:

— **na ofensiva;**

— **na defensiva.**

### Na ofensiva

As armas de tiro tenso tem sofrido aperfeiçoamentos de valia e entre elas, o fuzil metralhador já conseguiu ombrear com a metralhadora em eficácia nas médias, distâncias, sem prejuizo da mobilidade indispensável, como arma do escalão de fogo.

Esses aperfeiçoamentos levam a pensar-se em igualar os F. M., unidos de reparo estável, às metralhadoras pesadas do mesmo calibre.

Diz Currus na "Revue d'Infanterie" de Maio de 1939: "O fuzil-metralhador 1924-29, só por si mesmo, provoca outra consequência. Por suficiente que fosse a Mtr. Hotchkiss, calibre 8, só apresentava modestas vantagens balísticas sôbre o F.M. Daí o indagar-se: por que carregar 50 kgs. quando se poderá ter mais ou menos o mesmo resultado com cêrca de 9 kgs. e seguramente maior resultado com 5 armas de 9 kgs.? Por isso a Mtr. estava condenada a desaparecer ou a tornar-se mais poderosa. Inúmeros argumentos militam a favor da seguinte solução: possibilidade de obter-se efeitos de perfuração contra blindagens pouco espessas, eficácia anti-aérea maior, trajetória mais rasante, o que permite aumentar a profundidade dos posições defensivas. Os estudos empreendidos com êsse espírito permitiram realizar tipos de novas **metralhadoras**, que atualmente estão realizadas".

Felizmente para nós, o Fuzil-Metralhador Madsen, que adotamos, reúne as propriedades exigidas a uma arma de 1.º escalão e a arma mais estável e mais potente do escalão de apôio (base de fogos).

Essa situação de Metralhadora-única simplificará a controvertida questão da centralização e descentralização das metralhadoras, porém cria o problema da diferenciação das companhias de fuzileiros e de metralhadoras armadas com a mesma arma.

Em relação à metralhadora, tornada mais potente, cuida-se de dar à unidades aparelhagem e instrução condizentes com os tiros especiais (a grande distância, mascarados, por cima da tropa, aéreo, contra blindagem, etc.), como veremos nos itens sôbre organização e emprêgo.

Cabe ainda lembrar a tendência de dar, pelo menos aos graduados, o fuzil automático, a pistola automática e a pistola metralhadora, para reforçar a ação do escalão nas pequenas distâncias.

Mas é apontada como essencial a uniformidade de munição para todo êsse material.

Ao lado do aperfeiçoamento das armas de  **tiro tenso**, convém ressaltar o predomínio adquirido nos últimos anos pelas  **armas de tiro curvo**, no tocante às necessidades da ofensiva. Do papel secundário e inicial de engenho de acompanhamento suplementar,  **as armas de tiro curvo**, bocal, lança-granada, pequeno morteiro, médio, etc.,  **elevaram-se à dignidade de armamento específica e fundamentalmente ofensivo da infantaria**, enquanto o fuzil-metralhador e a metralhadora, tomam cada vez mais o caráter especificamente defensivo.

Quási todas as infantarias estão dotadas de sistema harmonioso e bem adaptado de armas de tiro curvo: — nas distâncias muito curtas e antes da abordagem intervem as granadas de mão dos grupos de combate; o lança-granada de pelotão pode atuar nas pequenas distâncias, o morteiro de companhia nas distâncias médias e o morteiro de batalhão nas grandes. Qualquer resistência inimiga que tenha escapado à ação da artilharia, dos carros e da aviação será tratada por essas armas de potência crescente.

Dêsse modo, maior dotação de armas de tiro curvo imprime à infantaria maior capacidade ofensiva; permite-lhe, em grande número de casos, bastar-se a si mesma.

Ha quem objete contra a diversidade de calibres e a complexidade de remuniamento, principalmente quanto ao morteiro de companhia.

Creemos, porém, que as armas de tiro curvo, preciso, potente e fácil, economizam metralhadoras e sua munição; economizam munição de artilharia; permitem aos chefes de pequenas unidades de infantaria maior capacidade de manobra; economizam o tempo para vencer resistências de pequeno vulto; são indispensáveis, principalmente, o morteiro leve de companhia e o lança-granadas, ao combate dos últimos 200 ms.

Além do mais, são armas rústicas e de fácil fabricação e de manejo simples.

E', na opinião corrente, fundamental que a infantaria disponha de grande quantidade dessas armas e com a gama correspondente aos escalões e às necessidades (Btl., Cia. e Pel., morteiro médio, morteiro leve e lança-granadas).

A defesa anti-engenhos blindados é muito cuidada em todos os países. Adotam-se o canhão anti-carro, o próprio carro e eventualmente metralhadoras de calibre avantajado. Não ha nenhuma divergência a respeito salvo quanto a maior ou menor dosagem dêesses materiais.

A defesa anti-aérea nas unidades de infantaria ainda não está cabalmente resolvida, pois, em regra não se tem uma arma especialmente destinada a essa tarefa. Contam uns fazê-la com as próprias Mtr. ou os F.M. da defesa terrestre, e outros com as armas anti-engenhos blindados.

A nosso ver, não será demais que a infantaria disponha de uma arma destinada ao tiro contra aviões que voem baixo e dispondo portanto de aparelhagem e processos de tiro apropriados. A solução de ter uma mesma arma que sirva para o tiro anti-blindagem e o tiro aéreo, embora sedutora por ser econômica, apresenta impossibilidades decorrentes da técnica de construção e o inconveniente do provável sacrifício de uma das duas tarefas quando se impuzerem no mesmo momento.

Além dêesses aperfeiçoamentos do armamento, é preciso considerar:

- o remuniamento (carrêta de munição blindada e para qualquer terreno);
- a aparelhagem de tiro, de observação e de transmissões;
- os trens de combate e de aprovisionamento, material êsse que se aperfeiçoa dia a dia, adaptando-se às necessidades da arma.

### **Na Defensiva**

Em todos os exércitos, a infantaria está melhor armada para a defensiva do que para a ofensiva.

A razância das armas automáticas e a quantidade dessas armas permitem criar barreiras de fogos de difícil transposição, desde que seja respeitada a proporção entre a frente a manter e o número de armas automáticas a isso destinadas. As armas de tiro curvo completam e reforçam essa barreira.

Em resumo, será preciso atender:

- ao predomínio das armas de tiro curvo para a ofensiva;
- ao aperfeiçoamento do F. M. que é igualado à Mtr.;
- ao aproveitamento da Mtr. com calibre maior ou um canhão para missões anti-aérea, contra blindagens e tiros mais profundos;
- ao remuniamento por meios mecânicos; etc.

(Continúa)